

VOZES FEMININAS DE ALAGOINHAS: MEMÓRIAS E ESCRITAS DE SI

Gislene Alves da Silva (Pós-Crítica/UNEB)

O trabalho que por ora intitulo *Vozes femininas de Alagoinhas: memória e escrita de si*, surge de discursões no processo de iniciação científica e por conseqüente o trabalho de conclusão de curso-TCC que verificou em coletâneas literárias sobre mulheres se existe um lugar para as escritoras consideradas subalternas, verificando também a existência destas em diversos locais, como Alagoinhas, e as formas de divulgação nestas da escrita de mulheres, principalmente escritoras ainda invisibilizadas. Assim como, buscamos identificar modos de produção de escritoras subalternas de Alagoinhas e região, refletindo sobre a dinâmica destes modos de produção, verificando quais os sentidos, dificuldades, demandas e perspectivas da mesma. Com isso, procuramos também refletir sobre as políticas públicas voltadas para a literatura de autoria feminina na cidade de Alagoinhas.

Assim ficou ressaltado que as escritoras mais subalternizadas são as que não fazem parte da região Sul e Sudeste, as que são negras, com baixo nível de escolaridade, pouco poder aquisitivo e sem grande ou nenhum reconhecimento, não podendo constar em coletâneas literárias que pretendiam abarcar as escritoras brasileiras. Ao notarmos as muitas dificuldades que as escritoras locais encontram no percurso, nos propomos a refletir sobre Políticas Públicas voltadas para a escrita feminina, na cidade de Alagoinhas e não percebemos nenhum apoio, em termos de políticas públicas, por parte da Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer. Não encontramos, nas ações desta Secretaria, qualquer atividade voltada para a Literatura feminina, ou seja, não existe uma ação que abarque essas escritoras. Assim como as próprias instituições literárias da cidade, ALADA e CASPAL, não recebem nenhum tipo de apoio por parte da Secretaria de Cultura e, conseqüentemente, também realizam um apoio modesto, mas extremamente importante, junto a essas escritoras. São essas dificuldades, essa falta de apoio mais sistemático e continuado que talvez gere a ausência dessas escritoras em alguns cenários literários.

Considerando que algumas estratégias já foram criadas para se fazer visível no circuito o contra-discurso feminista, mas que estas ainda nos parecem ser insuficientes para uma pluralização da escrita e que o processo de silenciamento, neste caso, envolve gênero em suas inter-relações com marcadores como raça, classe, escolaridade e lugar.

Pensando nas escritoras que foram excluídas do cânone, por uma historiografia literária pautada em um cânone patriarcal, que eliminou as mulheres do cenário das letras; as coletâneas literárias de autoria feminina existiriam como uma forma de mecanismo contra a exclusão das mulheres na cena literária. Mas em que medida a escrita feminina está realmente se pluralizando? Quais mecanismos que são utilizados para a excluí-las desse contexto?

Nesse sentido, o que dizer das escritoras nordestinas, ou mais especificamente das escritoras de Alagoinhas e região? Assim, o que podemos encontrar quando fazemos uma investigação nos acervos literários dessas escritoras?

Assim torna-se imprescindível refletir sobre os fatores que ainda impedem a escrita feminina de se pluralizar, causando o arquivamento de trabalhos de escritoras locais, constituindo na falta de oportunidades para tirá-los desse lugar invisível.

Em 1929 Virginia Woolf já sinalizava a ausência das mulheres no cenário literário, ao visitar as bibliotecas à procura de escrita de mulheres. Percebe-se então que o homem falava por estas, a partir do momento em que os vários textos que se referiam as mulheres era escritos por homens. Desta forma a sociedade atestava uma “inferioridade mental, moral e física do gênero feminino” (DUARTE, 2011, p. 234). Mas o que se podia observa era que os homens não eram detentores dos talentos da escrita, mas sim dos meios para desenvolvê-la, como nos diz Constância Duarte (2011). Para a autora muitas escritoras que “ousaram” a publicar seus textos, estes se perderam nos arquivos ou não passaram da primeira edição. Para esta, as antologias constituídas a partir do trabalho de resgate dessas escritoras, torna-se a constituição de um novo arquivo.

Beauvoir (1980) nos lembra como a construção cultural, em oposição a uma perspectiva biologizante, atribuiu para a mulher um segundo lugar, uma imagem fixada de fragilidade, incapacidade e inferioridade.

Oitenta anos após Virginia Woolf escrever a obra *um teto todo seu*, e constatar a ausência das mulheres no cenário literário, percorro a cidade de Alagoinhas em bibliotecas públicas, Universidades estaduais e particulares, livrarias e espaços alternativos de venda de livros em busca de coletâneas literárias sobre mulheres com o objetivo de verificar o lugar da escritora subalterna nestas coletâneas e o que podemos notar, portanto, que está ocorrendo um processo de invisibilidade da escrita de mulheres na cidade de Alagoinhas no que diz respeito às coletâneas literárias específicas.

Percebemos que existe um apagamento da escrita feminina na cidade de Alagoinhas no que diz respeito às coletâneas literárias sobre mulher, pois não foi encontrada uma única obra. Diferentemente do que observei na pesquisa realizada nos *sites* na *internet* encontramos um total de vinte e seis obras e acreditamos que esse número seja ainda maior. Porém, mesmo estas encontradas, existem empecilhos para o acesso a essas obras, seja pelo seu esgotamento, pela indisponibilidade das mesmas nos *sites* de vendas e por vezes por conta de prazos de entregas muito longos e custos com despesas de frete, o que muitas vezes dobra o valor destas obras.

Apesar do pouco investimento contra a subalternização dessas escritoras, da falta de um investimento mais institucional, da falta de apoio, percebemos que as escritoras e escritores têm procurado meios de continuar produzindo e divulgando suas produções. A Casa do Poeta de Alagoinhas (CASPAL) existe nesse sentido e tem sobrevivido, resistido a esse descaso.

As escritoras de Alagoinhas continuam sendo apagadas por um mercado hegemônico, por uma cultura patriarcal e por uma visão de cultura e de literatura que se reflete na falta de importância atribuída para estas. Por conta disso, as escritoras produzem sem contar com políticas públicas e com um apoio mais sistematizado. Apesar disso, estas escritoras continuam produzindo, insistindo em falar-escrever, resistindo a este apagamento. Para tanto, contam com apoios de familiares na publicação que é toda arcada com dinheiro próprio e, no que diz respeito à divulgação, contam com parceiros como a Casa do Poeta, que funciona como uma estratégia de divulgação e solidificação de um mercado alternativo.

Nessa linha, fica clara a importância da mediação, de ações desenvolvidas, por exemplo, pela Universidade e, nesse sentido, a demanda pelo fortalecimento desta cooperação é fundamental. A demanda por políticas públicas, por ações conjuntas. Também fica clara a importância de se estudar, considerar os escritos femininos como expressão de uma cultura feminina que entrelaça literatura, vida e resistência, ou seja, a crença de que a literatura é potência.

Assim, também nos interessa a busca pelos escritos de autoria feminina de Alagoinhas, assim como sua presença na história literária e social da cidade, refletindo sobre essa relação entre a escrita e a memória das escritoras. Para que possamos pensar em novos arquivos e novas memórias.

E este tem sido o principal objetivo das estudiosas feministas do século XX dar visibilidade às mulheres que foram ocultadas, silenciadas e vastamente invisibilizadas como sujeito, e até mesmo como sujeitos produtores de conhecimentos. Podemos ver isso com mais clareza no texto *Tornar visível o invisível: um desafio feminista*, de Elódia Xavier (1999).

Xavier (1999) explana que, muitas pesquisadoras tem se preocupado com a revisão do cânone e nas suas pesquisas tendem a dar visibilidade a nomes de escritoras que ficaram esquecidos no tempo. Sendo assim, o objetivo do seu estudo é fazer um estudo em torno das escritoras do século XIX, nascidas e/ou criadas no Rio de Janeiro, fazendo levantamento biobibliográfico acompanhado de um conciso estudo crítico.

É nessa empreitada que muitas pesquisadoras e até pesquisadores tem procurado coletar escritoras, seus textos e agrupá-las em coletâneas para que sejam vistos, todos saibam de sua existência, passem a serem lidos e estudados em bibliotecas, escolas, universidades etc. Nesse

sentido, podemos entender os arquivos literários de mulheres como um movimento de visibilidade da escrita feminina, que nos leva a avaliar como tem sido feito a descentralização do cânone literário patriarcal. E que ao questionarmos a cultura hegemônica, estejamos estabelecendo uma nova história literária revelando a mulher como sujeito do discurso literário.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ivã. A produção literária e cultural da Bahia e a voz da mulher. In: BRANDÃO, Izabel; ALVES, Ivã. (Org.). *Retratos à margem: antologia de escritoras das Alagoas e Bahia (1900-1950)*. Maceió: EDUFAL/ CNPq, 2002. p. 381.

MACEDO, Marcia; PASSOS, Elizete (Org.). *Metamorfoses*. Salvador: NEIM/EDUFBA, 1998. Coleção Baianas, 3.

DUARTE, C. L. Arquivos de mulheres e mulheres anarquizadas. História de uma história mal contada. In: SOUZA, E. M.; MIRANDA, W. M. (Org.). *Crítica e Coleção*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

FERREIRA, Luzilá Gonçalves; et al. O discurso feminino possível: um século de Imprensa feminina em Pernambuco (1830 a 1930). In: GOTLIB, Nádia Battella (Org.). *A mulher na literatura*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990.

LOURO, Guacira Lopes. A emergência do gênero. In: *Gênero, sexualidade e educação uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2003.

REIS, Roberto. Cânon. In: José Luís Jobim (Org.). *Palavras da crítica – tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. Literatura confessional: o espaço autobiográfico. In: *Literatura confessional: autobiografia e ficcionalidade*. 1999. p. 9-15

SCHMIDT, Rita Terezinha. Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina. In: NAVARRO, Márcia Hoppe (Org.). *Rompendo o silêncio*. Porto Alegre: UFRGS, 1992. p. 182-189.

SOARES, Angélica. Memória poética feminina: hierarquias em questão. In: RAMALHO, Christina.(Org.). *Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Elo, 1999. p. 97-105.

SOUZA, E. M.; MIRANDA, W. M. (Org.). *Crítica e Coleção*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

XAVIER, Elódia. Tornar visível o invisível: um desafio feminista. In: REIS, Livia Freitas de; VIANNA, Lúcia Helena; PORTO, Maria Bernadete. (Org.). *Mulher e Literatura. VII Seminário Nacional*. Niterói, RJ: EDUFF, 1999.